

MEDO E ESPERANÇA. Uma leitura psicossociológica do milenarismo

INTRODUÇÃO

Com a aproximação do ano 2000 aumentam as expectativas em torno da virada do milênio. Já começam a aparecer vaticínios e movimentos anunciadores do fim. Há quem pense que se repetirá a mesma onda de terror apocalíptico que varreu a Europa medieval na passagem do primeiro ao segundo milênio. Estariam em jogo as mesmas esperanças e medos inconscientes que a *umbra*, a dimensão coletiva inconsciente da humanidade, faz brotar, de tempos em tempos, em especial quando a humanidade se sente confrontada com a previsão do fim e do juízo. É algo tão forte quanto o desejo igualmente inconsciente de um retorno ao paraíso que irremediavelmente se foi. Princípio e fim se confrontam na precariedade do presente vivido. Na Idade Média foram necessários alguns séculos para que aquela vaga de inquietação cessasse, ou melhor, para que fosse de alguma forma reabsorvida.

O século XI foi, segundo J. Le Goff, o *século da explosão diabólica*. Caracterizou-se por um medo obsessivo do demônio e dos que eram tidos como a ele associados:¹ os idólatras, os muçulmanos, os judeus, o mal absoluto, as feiticeiras e a mulher. No entanto, como o demonstrou Delumeau², o medo que vai até à medula teve o seu tempo forte bem mais tarde, nos séculos XIV e XV. O pavor incubado foi de crescendo em crescendo, açoitado por uma associação infundável de pestes, guerras e fomes. Foi nesse período trágico que deste *desterrado vale de lágrimas* subiu aos céus uma escalada de medos arquetípicos,

1 O conhecido historiador francês Jean Delumeau é quem faz uma minuciosa e documentada resenha sobre cada um destes supostos aliados do poder oníprpresente de Satã. Cf. Jean DELUMEAU, *História do Medo no Ocidente*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 239 – 421. As citações de Le Goff e de E. Pognon, encontram-se em Delumeau, p. 205s. Os trechos em itálico que aparecem no corpo do artigo são do próprio Delumeau.

2 Durante o século X, um único personagem (...) atribuiu ao mundo regenerado por Cristo um termo de mil anos e nada permite afirmar que ele tenha assustado muito gente. Cf. Jean DELUMEAU, *História do Medo no Ocidente*, *o.cit.*, p. 206. Veja-se também: Jean DELUMEAU, *Mil anos de felicidade. Uma história do paraíso*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

solidamente alicerçados no psiquismo humano. Acontecerá algo semelhante na virada do terceiro milênio? Apesar de brotes de fanatismo e exaltação milenarista, aqui e ali, não é o que parece estar por acontecer.

Mesmo sem brotes milenaristas expressos, o largo silêncio sobre o medo revela sua existência larvada e reprimida. Esse medo apocalíptico existiu sempre. Foi simbolizado em obras literárias, em pinturas, em inúmeras igrejas dos séculos XII e XIII. Muitas dessas — como as catedrais de Paris, Chartres, Autun e Conques — evocam a chegada ao fim da longa espera de Deus — o último Juízo — e tematizam em pedra figuras de incubos, demônios, monstros e anjos vingadores.

É à altura do século XV, pouco antes da explosão otimista do humanismo renascentista, em meio *aos triunfos do novo humanismo*, que aparece a primeira descrição conhecida dos terrores do ano mil. Até então esse assunto não era mencionado. Foi Thritemius, um monge beneditino, o primeiro a tratar tematicamente esse tópico. É como se a expectativa e o medo, essa que é a *mais natural* e a *menos heróica das paixões humanas* (Delumeau), estivessem hibernando no âmago da Europa medieval para eclodir exatamente quando o trânsito para as luzes e a razão começa a se impor nos horizontes da cultura ocidental — um pouco como o que está se dando como a atual chuva de deuses, duendes, bruxos, anjos e magos. Com inteira razão pode-se perguntar, se é por acaso que essa lenda do medo epidêmico medieval passou a ser objeto de atenção precisamente no amanhecer dos tempos modernos. Ou, em termos psicológicos: por que a Europa cristã precisou projetar sobre os tempos de Otto III (980-1002) temores que são *autêntica e amplamente* dos europeus dos séculos XIV-XVI?

A essa luz, vale a pergunta: na passagem ao terceiro milênio em que direção se projetarão os medos arcaicos refratados no *vale de luzes* em que a tecnologia e o progresso parecem estar transformando a civilização atual? Haverá uma reedição das reações de depressão e apavoramento postos à mostra ao longo dessa lenta escalada da Idade Média rumo à modernidade? Os novos mitos prometéticos do consumo, do prazer e da juventude garantidos pelos avanços da ciência aplicada firmarão a supremacia do otimismo e da leveza sobre o peso do trágico e a necessidade de salvação ou essas continuarão a se movimentar, meio por baixo, mesmo nessa fase dita de desconstrução pós-moderna?

Dizem alguns que, inversamente ao sucedido há mil anos atrás, a entrada no novo milênio irá despertar não o medo e sim uma onda de um otimismo magicamente seguro de si mesmo. Um pouco como cantava o musical *Hair* no ano má-

gico de 1968, aurora precursora de uma utopia mística que só aparentemente adormeceu:

*“Harmonia, lealdade, claridade
Simpatia, luz e verdade!
Nada suprimirá mais a liberdade!
Nada amordaçará o espírito!
A mística nos fará compreender
e o homem aprenderá a pensar.
Graças a Aquário! Graças a Aquário!”*

Após essa breve contextualização histórica, passamos ao tema da presente reflexão. Ela contraporá o eterno jogo entre o medo e esperança, a culpa e a liberação. Esse é um pano de fundo fundamental para se compreender melhor o fenômeno do milenarismo no ontem e no hoje da história. Será que, reeditando o que se viu no século XIV europeu, os próximos anos irão confirmar algo análogo ao que H. Zarnit disse sobre a época em que os navegantes portugueses estavam domando os mares e unindo os continentes: *é sem dúvida incontestável que a multidão daqueles que acreditam ter ouvido a trombeta do último dia jamais foi tão gigantesca como entre 1430 e a 1530?*³ E como poderia tudo isso repercutir em uma cultura como a brasileira, ela própria afeita a inúmeros surtos milenaristas, ainda não devidamente contemplados?

3 Cf. H. ZARNIT, *Dans l'attente de Dieu*, Paris, 1973, p. 56. *Apud* Jean DELUMEAU, o. cit. p. 209.

Essas as perguntas que afrontaremos colocando-nos em uma perspectiva psico-antropológica e sociológica. Claro que existem outros prismas para uma compreensão do milenarismo.

Os textos dos livros apocalípticos judaico-cristãos e de outras religiões e povos são um prato cheio para uma leitura desde a poderosa linguagem e interpretação simbólica proposta pela psicanálise, muito especialmente por C. G. Jung. Alguns dos episódios milenaristas acontecidos dentro e fora do Brasil, em séculos passados ou recentemente, oferecem, da mesma forma, copioso material para uma análise em chave freudiana. Mas, tenho a convicção pessoal de que uma leitura psicológica do milenarismo brasileiro — ponto a que pretendemos conduzir o leitor — exige uma abordagem de cunho mais sociológico e histórico-antropológico, talvez até político, pois nos põe ante comportamentos coletivos que extrapolam a vivência subjetiva, consciente e inconsciente, de seus atores. Sua análise pede elementos que só uma contextualização sócio-antropológica e histórica pode oferecer. É essa a pista que seguiremos em nossas considerações.

A exposição terá duas partes. A primeira (I) visa conceituar o fenômeno para melhor situá-lo em suas coordenadas histórico-culturais e em seu contexto brasileiro. A segunda parte (II) corresponde à análise psico-sociológica propriamente dita. Ao invés de falar de todos os milenarismos (bíblico-cristãos, em outras religiões, nas ciências, nos mitos políticos, nas religiões civis e na mídia) o que levaria a linhas demasiado genéricas de descrição e explicação, nossa atenção se concentrará em um caso bem especificamente brasileiro: o de Catulé⁴, Minas Gerais, 1955. É um caso típico que serve como parâmetro geral e poderá nos ajudar a compreender que, do ponto de vista psicológico, cada caso precisa ser visto e compreendido em seus mínimos detalhes originais e não só desde grandes linhas de interpretação psicológica.

É aí — no entrecruzamento original de pessoas, grupos e circunstâncias culturais e políticas bem específicas — que a antropologia, a sociologia e a história se imbricam com e na psicologia. As categorias sociológicas e antropológicas, por sua própria natureza, não descem ao que é psicologicamente específico nos fenômenos grupais e individuais. Na outra vertente, a da subjetividade, pode-se dizer o mesmo de análises psicanalíticas que recorrem aos grandes chavões teóricos dessa ciência. O que tais descrições costumam fazer é um discurso tautológico que pouco ou nada acrescenta ao que a teoria geral já enunciava anteriormente. O aporte próprio da psicologia e da psicanálise, para mostrar toda a sua validade, exige um tipo de abordagem que leve em conta a individualidade e as circunstâncias e situações grupais concretas e vivas, nas quais os personagens com suas vivências e motivações profundas refletem algo que é mais amplo que eles próprios.

1. OS GRANDES CENÁRIOS E CONTEXTOS DOS MILENARISMOS

1.1. Ano 2000: cenário de medo ou megashow?

Começemos nos perguntando se os milenarismos são um comportamento característico de grupos humanos não civilizados ou de populações *primitivas*, de gente necessariamente sem instrução suficiente? É possível ou até *normal* o aparecimento do milenarismo, talvez travestido em formas novas, nos ambientes bem informados da cultura urbana e escolarizada de hoje?

Vivemos na era da globalização e da informatização. A notícia é direta e em cores, vinda pela via instantânea das redes informatizadas. A escola substituiu, além disto, a superstição, a ignorância religiosa e as visões de mundo da cristandade medieval

4 Este caso acha-se bem delineado por uma equipe de três especialistas da USP, enviados a Catulé imediatamente após o morticínio aí verificado por ocasião de uma semana santa. Cf. Carlo CASTALDI — Eunice R. DURHAN — Carolina MARTUSCELLI, *Estudos de sociologia e história*. São Paulo, Anhembi, 1957. Em uma entrevista interessantíssima, Arakcy Martins Rodrigues retoma esse caso, reconsiderando-o em chave psicológica de grande originalidade e perspicácia. Cf. Arakcy MARTINS RODRIGUES, *O do Catulé e outros demônios*. Em *Almanaque. Cadernos de Literatura e Ensaio*, Editora Brasiliense, 12 (1981), p. 24 – 37. Essas são as fontes primárias por nós usadas.

por uma compreensão mais adequada e crítica dos fenômenos da natureza e da história. O ser humano, finalmente, tem hoje mais confiança e mais consciência de sua subjetividade. A mídia se encarregaria, ademais, de fornecer-lhe subsídios, critérios e orientações quanto a fatos surpreendentes, funcionando como uma espécie de antena e de sensor remoto da coletividade. E funcionando com um condicionador invisível de nossos estados afetivos e reações emocionais. Influi, assim, também em reações religiosas de caráter coletivo. O que não rouba a cada pessoa e a cada grupo a possibilidade de agir com liberdade e capacidade de discernir, no que toca à consciência de cada um.

Em um mundo assim condicionado, a passagem de milênio estará mais para *show* e consumo do que para choro e ranger de dentes. Corporações transnacionais como a Coca Cola e a Nike, já controlam todos os grandes espetáculos da terra. Os campeonatos mundiais de futebol, os jogos olímpicos, os dramas como a Guerra do Golfo, tudo parece carecer do patrocínio de alguma grande corporação. Essas, seguramente, estarão no comando da virada do milênio, transformando-a em um mega-espetáculo global. Haverá, como nunca na história humana, fogos de artifício, multidões nas praças, restaurantes e casas noturnas. Cortejos barulhentos de carros embandeirados enfeitarão as grandes avenidas. Nas telinhas e nos suplementos dos jornais: retrospectivas do que foi a história que passou.

Em Roma, Jerusalém ou Nazaré as redes mundiais se encarregarão de transmitir uma *missa ecumênica*, presidida pelo Papa. Este evento dará um charme religioso ao *megashow*, mas ocupará um lugar secundário. Tão secundário como os vaticínios de alguns magos e adivinhos de plantão que serão também pontualmente convocados a fazer suas previsões sobre o que nos reserva o terceiro milênio. Seguramente aparecerá alguma sibila mais pessimista, mas o tom dominante será de pompa e de glória. Em suma, o ano 2000 será uma explosão universal de comandada alegria. Não haverá anjos da maldição cavalgando bestas celestes pelos céus e espalhando a morte pelos quatro cantos da terra.

Mas, será que o ano 2000 será apenas isto? Não mexerá, acaso, com anseios e medos mais fundos? Não suscitará sentimentos contraditórios de medo e esperança? Não porá à mostra as vísceras e os avessos do coração humano? Não haverá grupos fanáticos, vestidos de azul, amarelo ou branco, à espera do fim? Vejamos um pouco este outro lado da moeda.

Vivemos em uma civilização vazia e massificada, penetrada pela solidão e a angústia. É, para lá das aparências e brilhos, uma *sociedade depressiva*⁵, na qual *o medo e a culpa*⁶ são a marca tragicamente dominante. Embora ávida de segurança e de salvação, ela, na esteira da antiga tradição do pensamento

5 Cf. Tony ANATRELLA, *Contra la sociedad depressiva*, Santander, Sal e terra, 1994.

6 Eugen DREWERMANN, *Psychoanalyse und Moralthologie: Angst und Schuld*, Mainz, Matthias Verlag, 1982, vol. I.

ocidental, teima em dissociar o que é uno e indivizível: consciente e inconsciente, coração e cérebro, conhecimento científico e saber intuitivo não sistematizado, santidade e cura, redenção e culpa. Drewermann acentua que essa negação do inconsciente humano que atravessa a cultura ocidental e, portanto, também o Cristianismo, é fonte perene de angústia e bloqueio, de sentimentos contraditórios que levam a extremos de fundamentalismos, religiosos ou não, de tipo quase *borderline*⁷.

Dificilmente as comemorações do ano 2000 deixarão de tocar nessas contradições e que correspondem a feridas — falhas — e expectativas essenciais à condição humana. Disto também se encarregar a mídia ao fazer o balanço do milênio que passou. Os jornais, aliás, já começam a relatar, em tom apocalíptico, suicídios coletivos, chegadas de supostas naves espaciais salvadoras, grupos vestidos a caráter para esperar o dia da ira, etc. Nos Estados Unidos tornaram-se famosos o caso Jim Jones. Seguiram-se, depois, Waco e Cheiry, ambos tristemente famosos. Os rostos alucinados do *unobomber* e de Shoko Asahara, o guru japonês da *Verdade Suprema* que preparou o envenenamento no metrô de Tóquio, estão se tornando rotina no noticiário mundial. Os episódios citados parecem não escolher pátria. Dão-se no Canadá, na França e na Suíça, como na África ou na Argentina. E, como, não podia deixar de ser, pululam sob as mais diversas formas também entre nós.

Em situações de indecisão, anomia ou transição, dizem os sociólogos, emergem personagens mais ou menos desequilibrados que captam e expressam sentimentos presentes, de forma reprimida, em todos nós. Esses personagens funcionam como catalizadores de esperanças e medos relegados aos porões de nossa psique graças às artimanhas repressivas do inconsciente. Os milenarismos de ontem e de hoje são uma expressão dessa realidade obscura que subjaz à euforia superficial dos *mega-shows* comandados pelas corporações transnacionais.

1.2. O conceito de milenarismo

Os milenarismos, como fenômeno psicossocial, não dependem de decimais fechados. Pouco têm a ver com o 1000 ou o 2000, como a palavra *milenarismo* poderia levar a supor. Radicam-se nos medos e esperanças profundas da humanidade quando essa se volta aflita para a *iminência do fim*.

São fenômenos e reações presentes em todas as épocas. São conhecidas suas manifestações em praticamente todos os povos e culturas. Existiram na Babilônia e no Egito antigos. O budismo, o hinduismo e o islamismo foram palco, ao longo dos séculos, de inúmeros movimentos milenaristas⁸, irrom-

7 Cf. Eugen DREWERMANN, *o. cit.*, p. 11ss, onde se mostra o caráter trágico da existência humana colhida por um processo cultural neurótico de não-reconhecimento e divisão interna da personalidade.

8 Cf. Hillel SCHWARTZ, *verbete Millenarism*. Em Mircea ELIADE (Org.) *The Encyclopedia of Religion*. Macmillan Publishing House, New York, 1987, vol. 9, p. 521-532. Um estudo de caso muito sugestivo é o realizado por D. Overmyer sobre uma seita apocalíptica chinesa — a *White Lotus Society* — que foi assunto de primeira página dos jornais da época, atraindo medo e críticas no mundo civilizado de então. Cf. Daniel L. OVERMYER, *Folk Buddhist Religion: Dissenting Sects in Late Traditional China*, Cambridge, Cambridge University Press, 1970.

pidos, quase sempre, em situações de choque, confusão, *stress* social e liminaridade cultural.

A palavra *milénarismo* é, no entanto, própria do vocabulário judaico-cristão. Refere-se a episódios e situações características dos ambientes culturais do judaísmo, onde são variadas e constantes suas manifestações.

Os *messianismos* são uma das formas da escatologia judaica. Acham-se intimamente ligado aos milénarismos. Os três — escatologismo, messianismo e milénarismo — são como uma tríade que se completa. A escatologia aponta para o fim último, para as coisas que levam ao fim dos sofrimentos, à realização plena e terrível do que nos espera no fim; o messianismo corporifica a expectativa do grupo em uma mensagem ou pessoa dotada de força e ungida para encaminhar os fatos em direção ao futuro definitivo; e o milénarismo, por sua vez, não é outra coisa que a vivência grupal da pulsão e da certeza escatológica *in actu*.

Em seu sentido estrito *o milénarismo é a crença segundo a qual Cristo estabelecerá sobre a terra, após a sua segunda vinda, seu reino de mil anos (o milénio) conforme uma interpretação literal do Apocalipse*. Em sociologia da religião, a palavra é usada em uma acepção mais ampla, deixando para trás o marco judaico-cristão que está em sua origem. Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz, a maior estudiosa brasileira do tema, ela *designa a crença em uma era futura, profana e, sem embargo, sagrada, terrena, mas igualmente celeste. Todos os erros seriam corrigidos (nesta era), todas as injustiças reparadas; a enfermidade e a morte abolidas*.⁹

9 M. I. Pereira de QUEIROZ, *Réforme et révolution dans les sociétés traditionnelles*, Paris, Anthropos, 1968, p. 4. .

O livro de Daniel e toda a literatura apocalíptica vétero-testamentária, com sua forte linguagem simbólica, expressam a atitude milénarista que caracterizou as alternâncias de destruição e renovação do pequeno povo de Israel em seu confronto com as grandes e ameaçadoras potências do oriente antigo. Também a primeira geração de cristãos, premida pelas perseguições e a insegurança, conheceu a expectativa e a ansiedade apocalípticas.

Os evangelhos sinóticos têm alusões precisas a um próximo retorno do Senhor, acompanhado de sinais terríveis (Cf. Lc 21, 7-28 e Mt 24, 3-14). Entre esses são assinalados: guerras e revoltas, nações levantando-se contra nações, profanações dos lugares sagrados, perseguições às 'testemunhas santas', grandes terremotos, estrondos do mar e das ondas, fomes e pestes, sinais espantosos no céu, na lua e nas estrelas, etc. No plano mais subjetivo, os textos falam de susto, angústia e medo de todos ante a comoção cósmica do universo inteiro. O livro do Apocalipse, atribuído a João, retoma estes assombros inauditos. Vai além: coloca neste cenário de destruição figuras de monstros

terríveis, pintando com cores ainda mais drásticas o estado de ânimo que acometerá a vivos e mortos. É ali que se lê a frase que deu origem ao termo milenarismo: *Todos eles (os justos) reviveram e reinaram com Cristo mil anos; os demais (mortos) não reviveram até que se passaram mil anos* (Ap 20,4-5). A mesma expressão *mil anos* aparece também em outros lugares do mesmo livro.

A essa luz podemos dizer que, nos países de cultura cristã, o milenarismo pode ser definido como sendo a expectativa do reino de mil anos de Cristo aqui na terra, precedendo o juízo final e a vitória definitiva do bem sobre o mal. Sendo os textos redigidos em forte linguagem metafórica e sendo, além disto, internamente complexos. Há, na Bíblia, ao menos seis estágios¹⁰ que vão do segundo retorno de Cristo até o destino eterno de prêmio ou castigo. São assim, já do ponto de vista da composição literária dos textos, muitas as possíveis interpretações e datações, o que deu margem, especialmente no protestantismo norte-americano¹¹ e alhures, a intermináveis controvérsias.

As discussões em torno dos textos apocalípticos vêm desde a Igreja primitiva. Atravessaram a época patrística. Grupos de índole fundamentalista tenderam sempre a dar-lhes uma interpretação literal, buscando situá-los concretamente nesta ou naquela conjuntura histórica. Os repetidos fracassos de tais aplicações e previsões acabaram levando os intérpretes de bom senso a buscar um sentido mais alegórico para textos tão ambíguos e controvertidos.

Na Idade Média teve sequência o jogo de leituras fundamentalistas *versus* moderadas. Joaquim de Fiore é muito citado nesse contexto. Outros nomes famosos são os de G. Savonarola e Tomaz Münzer, personagem que impressionou até Karl Marx, outro *milenarista* de fama.

Os séculos XVI e XVII conheceram uma retomada milenarista. Em alguns ambientes pietistas a agitação milenarista chegou a ser uma verdadeira epidemia, cujos vestígios podem ser encontrados nos movimentos de reavivamento que pontilham a história religiosa do protestantismo nos Estados Unidos. Entre os séculos XIX e XX grupos religiosos hoje muito atuantes no Brasil, como os Mórmons, os Adventistas e os Testemunhas de Jeová, nasceram dessas tendências milenaristas do pietismo norte-americano. Guardam muito de tal mentalidade em sua pregação e nas convicções que inculcam em seus convertidos. Já o pentecostalismo, variante religiosa que experimenta maior difusão entre nós, tem uma representação mitigada da dimensão apocalíptica e escatológica da fé cristã, embora a conheçam. Na versão carismática e taumaturga desse último tipo de protestantismo, a força presente do Salvador e não o futuro parece ocupar o centro da atenção.

10 Cf. Domingo MUÑOZ LEÓN, "El milenarismo en el Apocalipsis de Juan y en los apocalipsis judíos de finales del siglo I". Em *RESEÑA BÍBLICA*, 7 (1995), [Revista da Associação Bíblica espanhola, Editorial Verbo Divino, Estella, España], p. 5-14.

11 Cf. José Luis Sánchez NOGALES, "Movimientos milenaristas de fin de milenio". Em *RESEÑA BÍBLICA*, 7 (1995), p. 53-62.

Com o advento da *ciência de ficção*, fortemente acentuada pela indústria cinematográfica, deu-se uma secularização do milenarismo. O *fim* passou a ser associado a civilizações extraplanetárias, supostamente mais evoluídas que a nossa. Liga-se quase sempre a catástrofes, guerras e possibilidades advindas de tecnologias ultra-avançadas, em geral transmitidas mais por abduções a outros planetas e/ou *revelações* de extra-terrestres do que de entidades espirituais. Também na *science fiction* a batalha entre o bem e o mal é uma tônica permanente, mostrando, de novo, o caráter projetivo dessas poderosas imagens arquetípicas. Não há como se projetar no futuro sem passar pelas ameaças e aspirações contraditórias que habitam fundamentalmente nosso inconsciente.

Vejamos a seguir como tudo isto se processa nos termos e contextos de nossa cultura brasileira.

1.3. Milenarismo brasileiro : novas modalidades e constantes

12 M. I. Pereira de QUEIROZ, *O Messianismo no Brasil e no mundo*. 2ª Edição, São Paulo, Editora Alfa ômega, 1976.

Maria Isaura Pereira de Queiroz¹² descreveu com inigualável maestria dezenas de surtos messiânicos e milenaristas havidos no Brasil. Eles aconteceram predominantemente no Brasil que ela chama de *rústico* — nas culturas indígenas e nos ambientes de roça — mas é um fenômeno constatado também em espaços urbanos, onde têm proliferado expectativas messiânicas e anseios escatológicos de cunho milenarista. Até pouco tempo atrás eram todos impregnados de religiosidade. Ultimamente já surgem modalidades mais secularizadas, inspiradas pela onda da Nova Era.

Maria Isaura elenca dezenas de casos famosos do passado. Alguns são conhecidos de todos: Canudos (1898), Contestado (1916) e Juazeiro. Outros, são praticamente ignorados fora dos círculos de especialistas. São os casos de João do Vale (1890), Caldeirão (1933-35), Panelas (1936), (1942), Taquaruçu (1954), etc.

Analisando comparativamente todos estes episódios de nossa história religiosa, Maria Isaura vê neles algumas constantes que merecem ser destacadas. Elenco-as seguindo de perto a própria autora:

- Todos os episódios têm como fulcro um indivíduo que se acredita possuir atributos sobrenaturais e que vaticina catástrofes de que só se salvarão os seus adeptos;
- Os adeptos buscam ou desencantar um reino ou fundar uma cidade santa, pondo para isto em prática os comportamentos aconselhados pelo líder;
- Os caracteres do Reino Messiânico também são do mesmo tipo geral: trata-se de um reino celeste que existirá neste mundo, dotado de atributos maravilhosos; lugar onde não se adoce, onde não se precisa trabalhar, onde se é plenamente feliz, onde residem os santos;

- Os agrupamentos formados pelos adeptos acabam quase sempre destruídos pelas forças da sociedade global. O ciclo, porém, pode recomeçar, como acontece em torno das figuras do padre Cícero, ou do Monge João Maria, ou pode extinguir-se com o insucesso;
- Os fiéis são distribuídos segundo certas posições sociais. Os grupos, portanto, não são abandonados à pura emoção e efervescência afetiva, conforme afirmam alguns autores. No interior das 'cidades santas' existem conjuntos de família e compadrio. Até Euclides da Cunha, deixando de lado a categoria analítica do fanatismo e da patologia, atesta que em Canudos existia *uma ordem inalterada*, uma cotidianidade estabelecida dentro de quadros bem normais;
- A religiosidade impregna inteiramente os ambientes milenaristas brasileiros. Algumas vezes esses Messias se dizem reencarnações de figuras religiosas cristãs, de Jesus Cristo e do Espírito Santo, de Santo Antônio e Dom Sebastião.
- Os líderes messiânicos brasileiros integram em si a chefia profana e a chefia religiosa de suas comunidades. Para alguns deles a religião, a conversão, a espera são o objetivo primeiro e condicionam os demais comportamentos profanos. Já outros, como o Beato do Caldeirão e o Padre Cícero, tinham como finalidade melhorar a vida dos adeptos. A religião, as penitências, as devoções e a pregação eram meios para se lograr esse objetivo. Num como em outro caso não há, porém, como dissociar o sagrado do profano;
- Ontre o líder e os liderados dão-se uma empatia e um pacto silenciosos em torno de objetos e objetivos, crenças, rituais e ambições de santidade e fartura material, cujo fundamento é essencialmente místico-religioso.

Na mesma linha, mas já muito mais próximo do contexto urbano de hoje, a antropóloga da PUC-SP, Josildeth Gomes Consorte fez estudos interessantes sobre surtos milenaristas de distintos cortes antropológicos. Assim, por exemplo, ela estuda os *borboletas azuis*, um pequeno grupo religioso nordestino de nossos dias, cujo Messias anunciava o fim eminente e a salvação para seus seguidores.¹³

Outro estudo da mesma autora aborda a aura messiânica e salvífica com que a mídia envolveu a morte de Tancredo Neves, em um momento de insegurança coletiva de nosso país. Algo análogo sucedeu por ocasião da morte de Ayrton Senna.¹⁴ Em ambos os casos, o papel dos meios de comunicação foi absolutamente central.

São duas mortes que tinham tudo para criar expectativas e ansiedades de tipo 'milenarista'. O que a mídia, devido à sua natureza laica e à sua inevitável fluidez, não anunciou foi a

13 Cf. Josildeth Gomes CONSORTE, *Os borboletas azuis de Campina Grande*. Em Lísias Nogueira NEGRÃO (Org.), *O Messianismo no Brasil contemporâneo*, São Paulo, USP-CER, 1984.

14 Cf. Helena TASSAR, *As crianças, a televisão e a morte de um ídolo: Ayrton Senna*. Em Elza Dias PACHECO, *Televisão, criança, imaginação e educação*, São Paulo, Papirus, 1998, p. 51- 64.

ressureição destes portadores de esperança oferecidos ao povo como objeto de identificação de seus anseios. Se o tivesse feito, eles poderiam ter se transformado em ponto de partida para cultos salvacionistas de largo espectro embora, provavelmente, de breve duração, como tudo que é sustentado pela TV. Imagino que tanto Tancredo quanto Senna devam estar ainda *baixando* em mais de um centro espírita-popular, confirmando assim que o milenarismo e sua contrapartida mais freqüente, o messianismo, são fenômenos coletivos que não dependem de datas ligadas ao calendário cristão.

15 José Guilherme MAGNANI, "O néo-esoterismo na cidade". Em *REVISTA USP*, 31 (1996), p. 6-15.

José Guilherme Magnani¹⁵, outro antropólogo, mapeou a presença difusa da Nova Era nos bairros de São Paulo. Sua trabalhosa pesquisa mostra não só que o esoterismo é uma realidade como também que ele atinge em especial os bairros de classe média de nossa cidade. A pesquisa de Magnani não conseguiu ainda discriminar e tipologizar as várias formas de esoterismo dos mais de 1000 endereços por ele cadastrados. Mas, ao que tudo indica, esse elevado número de lugares *de culto* e disseminação esotérica e exotérica tem tudo a ver com a Nova Era. Trata-se de um milenarismo mais diluído mas demonstra vigorosamente que os brasileiros continuam sonhando com uma era áurea, descida diretamente do céu zodiacal, como passo necessário em direção à superação de todas as aflições humanas e como momento decisivo para a constituição de um "mundo novo" de paz, espiritualidade e harmonia universais¹⁶.

16 Cf. Edênio VALLE, "A Nova Era: Uma leitura psicossocial". Em Edênio VALLE, *Psicologia e experiência religiosa*, São Paulo, Loyola, 1998, p. 201ss.

17. José Luis S. NOGALES., "Movimentos milenaristas de fin de milenio". Em RESEÑA BIBLICA, 7 (1995), p. 60.

18. *Conspiração aquariana* é uma expressão cunhada por Marylin Ferguson em um livro que se tornou o grande veículo de difusão da mensagem aquariana pelo mundo a fora: FERGUSON, Marylin, *A conspiração aquariana. Transformações pessoais e sociais, nos anos 80*. Rio de Janeiro, Record, s/d. A palavra quer chamar a atenção para o clima espiritual 'com-respirado' pelos que participam da vida cultural e social de hoje, no ocidente como no oriente.

19 G. DURAND., *Science de l'homme et tradition*. Paris, Berg International, 1979, p. 165ss.

20 Cf. P. SOROKIN, *Social and Cultural Dynamics*. Boston, 1957

Os fios condutores do *despertar* milenarista que inspira a Nova Era pretendem, no dizer de Nogales¹⁷, *ser uma oferta salvífica portadora de segurança para o ser humano. Este é, desde suas mais profundas estruturas metafísicas, um prolongado "desejo" de alteridade, no sentido deste 'outro' portador do sumo bem em sua relação com o 'isto' percebido como situação transeunte defectiva e, por isto, dolorosa*.

Essa *conspiração aquariana*¹⁸ seria indicativa de um vazio, de uma *falha*, no sentido lacanianiano. Mas, igualmente, de uma funda insatisfação espiritual do homem ante a civilização que construiu. G. Durand¹⁹ pensa que o renascimento do hermetismo e esoterismo para-religiosos de hoje é típico de momentos de eclipse da razão. Já Sorokin²⁰, o conhecido sociólogo russo-americano, diz que ele sinaliza épocas ou fases visualistas, sensoriais, que revelam a necessidade de superar a mera constatação de fatos e situações. Seria algo ligado ao sensório, ao emocional, à intuição e não à razão. São instantes em que a necessidade maior é a de chegar a uma visão 'implicativa', participada e profunda das coisas em seu *astrum* (= alto), em sua *arché* (= princípio), em seu *arcanum* (= escondido). Nossa época está se revelando, contra os teóricos da secularização, como sendo uma

era de mergulho no sagrado, ou seja, de *entusiasmo* ('en-theós' = pôr-se dentro do divino).

Tendencialmente é um momento gnóstico. Visa-se a iniciação e conquista de um tipo de saber que não transita pelas vias do conhecimento empírico-científico e lógico-abstrato. É uma hora de *insight* intuitivo e global, não dualista, harmônico, integrador. Frente aos reducionismos positivistas que esvaziam os símbolos, trata-se de recuperar a espessura do simbólico, mediante procedimentos heurísticos que possam reconduzir à homologia, à contemporaneidade, à superação dos limites. As ciências e, muito mais ainda, as para-ciências que pululam hoje nas livrarias, sentiram-se mal ante a dominação das visões de tipo materialista e redutor. Elas, como fazem os milenarismos, apelaram para orientações epistemológicas compreensivas, holísticas, interessadas em abranger o todo para chegar ao que sustenta o fenômeno em si. A Nova Era não é um sistema de pensamento nem um método de abordagem do real. Assemelha-se, muito mais, a um 'despertamento' (*revival*) ou 'reencantamento' místico, carregado de algumas potencialidades, mas também, de ambigüidades abertas a possíveis desvios e aberrações.

O êxito espetacular dessas formas diluídas de crença para-religiosa aponta para o contexto dessacralizado das novas modalidades de milenarismo. Difundiu-se pelos grupos e comunidades um 'sentimento' de que as grandes estruturas e instituições políticas, econômicas, sociais são incapazes de oferecer respostas satisfatórias às inquietações e anseios da humanidade. Também os grandes relatos míticos, como o fornecido pela utopia do socialismo e do marxismo, perderam sua força de atração. Já não motivam as pessoas nem dinamizam a vida social. Fala-se no colapso e no inverno das utopias.

Esse clima de generalizada descrença afeta de modo muito especial as religiões históricas, cuja mensagem parece não chegar mais às pessoas. O homem se percebe em uma situação de nudez e carência, ameaçado pelos atuais modelos de comportamento e de interpretação do mundo. Vê-se colocado no 'limiar' de duas fronteiras: a de um mundo do passado que não satisfaz e a de um horizonte de futuro que ainda não se delineou senão de modo extremamente obscuro e, em alguns pontos, angustiador.

A Nova Era, como outras irrupções de misticismo, projeta no divino a crise de racionalidade que se verifica em nossa conjuntura histórica²¹, marcada pelo pensamento débil e pela incerteza individual e coletiva. Estão aí as pesquisas de opinião pondo à mostra o aumento da ansiedade das massas urbanas ante tantos problemas sem solução.

São situações de calamidade social, momentos de violência generalizada e de *indefensión* — como dizem expressivamente

21 Cf. Aldo N. TERRIN, *Nova Era. A religiosidade do pós-moderno*, São Paulo, Edições Loyola, 1996, p. 75ss.

os espanhóis — de *câmbios* drásticos nos modos de pensar e agir, de sentimentos neuróticos resultantes daquele mesmo *mal estar* que Freud constatava já na década de 30. São percepções imprecisas mas atuantes, que vêm de longe. Recolhem sementes de esperança e angústia de todo um século e vão adquirindo fisionomias novas. Neles se refletem os grandes fracassos e decepções de nosso século: as duas guerras, as guerrilhas e conflitos circunscritos do sudoeste asiático, da África e da Ásia, a Guerra Fria, a corrida atômica, a destruição do meio ambiente, a violência generalizada, o vazio de sentido, a agitação do campo religioso. Há mais: conquistas de novos territórios tecno-cibernéticos, novos horizontes para a vida mental, revisões drásticas e novos pontos de arranque no campo das ciências e das religiões, anonimato e anomia das massas, inadequação dos valores que sustentam um mundo ligado exclusivamente ao mercado e ao consumo, etc. Esses são alguns dos ingredientes básicos que estão por baixo da questão fundamental da angústia e da inquietação humana, expressada nos movimentos milenaristas de nosso tempo. Parece algo novo. Talvez seja a precariedade do humano de sempre.

Em todo caso, existe um contexto perfeito para um re-despertar da onda milenarista. Ela poderá apresentar aqui e ali brotes de radicalização e fanatismo, indícios de crispação regressiva ou prospectiva. Mas, assumirá muito provavelmente a forma *light* que caracteriza nossa época. Depois do ano 2000, virá o de 2001 (de Stanely Kubrick, lembram-se?) e virão todos os seguintes anos e décadas, trazendo novas rotinas e, provavelmente, amortecendo as indagações que poderiam realmente questionar este velho mundo do século XX. Pergunto: estarão os primeiros decênios do novo milênio mais para uma teologia da prosperidade e da acomodação no nível da *máscara* (da *persona*, no sentido junguiano) ou para uma experiência religiosa capaz de levar às raízes do que poderá provocar um renascer da utopia?.

Seja como for, a passagem do milênio poderia estar levantando em termos novos o eterno enigma da condição humana: o da existência do mal e da impossibilidade histórica e ontológica de sua superação histórica. Esse enigma se converte em um grande 'escândalo' para a mente humana, quando relacionado à questão teológica do desígnio e da vontade de Deus em relação à criação e ao homem. Mas propõe questionamentos fundamentais para as quais também a reflexão do filósofo e do cientista não tem resposta. A questão escatológica e a eclosão de apocaliptismos são um reflexo da condição ontológica de finitude e incomplementação, de solidão e angústia vital que caracteriza radicalmente o existir do homem no mundo.

Edênio Valle – PUC-SP